

**“As Ações, Perspectivas e Legado que os Primeiros Jogos
Indígenas deixarão para estes povos
e
O Fomento do Esporte Indígena no Brasil”**

Beleni Saléte Grando
Professora de Educação Física
Doutora em Educação
Pós-Doutora em Antropologia Social



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura
Rede CEDES – Ministério do Esporte
www.coeducufmt.org.br

Projeto Política de Esporte e Lazer e o I FOPPELIN

Objetivo do Projeto:

Subsidiar a CGPEIN/SNELIS na elaboração de Políticas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas do Brasil.

Para tal: organiza uma agenda de debate com lideranças indígenas para juntos construir um fórum nacional representativo a fim de contribuir de forma crítica e propositiva com a elaboração de um documento orientador das políticas públicas de esporte e lazer indígena.

Estratégias metodológicas:

- Constituir um grupo de representantes por estado que tivessem reconhecimento junto às instituições e organizações indígenas locais;
- Elaborar e realizar com um coletivo indígena o Fórum Indígena;
- Socializar os projetos e programas em desenvolvimento e ampliar suas possibilidades junto às comunidades indígenas;
- Promover o debate nacional sobre esporte e lazer ampliando os conhecimentos sobre o tema e suas possibilidades nas comunidades indígenas de todo o país – articulando com os demais temas já pertinente a todas as políticas públicas indigenistas.
- Garantir aos indígenas a elaboração de um documento orientador das políticas públicas específicas para os povos indígenas do Brasil.

ALGUNS DADOS

- Encontro de Mediadores – 31 indígenas em 52 participantes – 30 e 31 de janeiro em Brasília.
- I FOPPELIN - Total de participantes = 307 pessoas no Fórum
 - 219 indígenas; 139 representações de diferentes comunidades indígenas nos respectivos estados e instituições representativas;
 - 88 não indígenas, considerando 48 representantes institucionais convidados e colaboradores; 10 representantes institucionais de Mato Grosso e 30 pessoas entre professores e estudantes que atuaram diretamente na organização do Fórum.
 - Além dos 74 indígenas que representaram os povos: Bororo, Umutina e Chiquitano, durante as apresentações culturais.

Diagnóstico regional

1. Existem experiências esportivas na sua comunidade e na sua etnia? Quais e quem organiza?
2. Existe associações esportivas na sua comunidade e na sua etnia? Quais?
3. Já participou de eventos esportivos fora de sua comunidade? Quais?
4. Conhece experiências de esporte para os indígenas no seu estado ou município? Quais? Quem organiza?
5. Participa ou participou de alguma associação indígena? Qual?
6. Quais rituais ou festividades de sua comunidade têm danças, lutas e jogos?

Sobre as respostas de 148
representantes de 139
comunidades indígenas
participantes do FOPPELIN em
Cuiabá, 133 afirmam que existem
práticas esportivas nas aldeias e 15
afirmam não haver estas práticas
em suas comunidades.

As práticas corporais indígenas: São esportes? São jogos? Lazer?



Kuarup no Parque Nacional do Xingu



Jogos do Xingu 2015

- 600 “atletas”
- Futebol: 14 times masculinos e oito femininos.
- Tabata Kuikuro, um dos idealizadores dos jogos afirma:
 - “Eu peço aos jogadores, eu não quero briga, eu quero que vocês jogam bem, brincam bem. Os juízes estão aí e vocês tem que respeitar. A regra é do futebol”.
 - “Vamos brincar e no final de tudo quero ver bem bonito” .









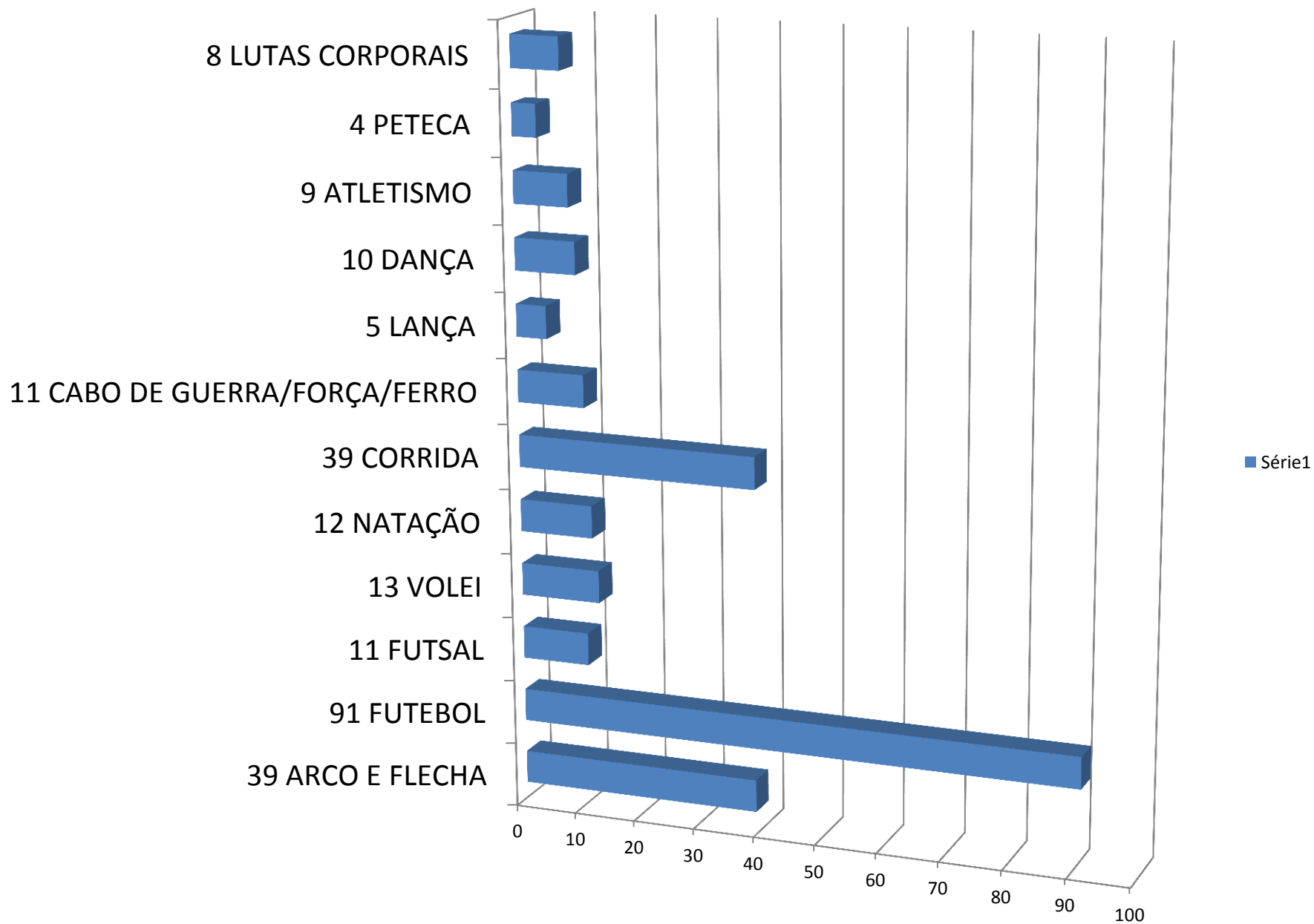








São consideradas práticas esportivas nas aldeias:



- **Parafraseando o depoimento de Edimar Roaribo Kajejeu durante o FOPPELIN, o que é esporte para ele, um jovem bororo da Aldeia de Meruri:**

Nós temos o nosso esporte, que é a sagrado, é competição, tem a preocupação em representar bem e fazer o que é melhor, pois é uma corrida e é importante ganhar, tem a dimensão cosmológica envolvida.

Mas na aldeia nós também temos o futebol, nós sabemos jogar e gostamos, mas sabemos diferenciar. Não prejudica o nosso esporte, é outra coisa.

Como sou aqui, na Universidade, aluno, tenho que saber diferenciar, o que preciso fazer aqui e o que preciso fazer na aldeia. Me esforço para fazer bem e melhor aqui, porque represento a minha aldeia, o meu povo. Como quando corro o Mano.

Como afirma Marina Vinha, os novos conceitos do que é esporte e o que lazer vão sendo apropriados em espaços como o FOPPELIN, no qual as práticas corporais que antes faziam parte da vida cotidiana e dos momentos festivos, vão sendo apreendidos nesse espaço novo de aprendizagem.

Como afirma Margareth Rego, o lazer se opõe na modernidade ao tempo livre, como resposta ao controle do tempo livre do trabalhador a fim de que este possa se manter vinculado aos resultados esperados desse corpo produtivo, do corpo trabalhador. Longe de suas formas tradicionais de ocupar o tempo do não trabalhado ou do tempo não negociado com o patrão, as novas necessidades vão criando demandas sociais que obrigam esse trabalhador se alienar do próprio prazer do bem viver, do não trabalho no sentido capitalista, mas no trabalho no sentido ontológico, o da produção da vida, da produção do próprio humano.

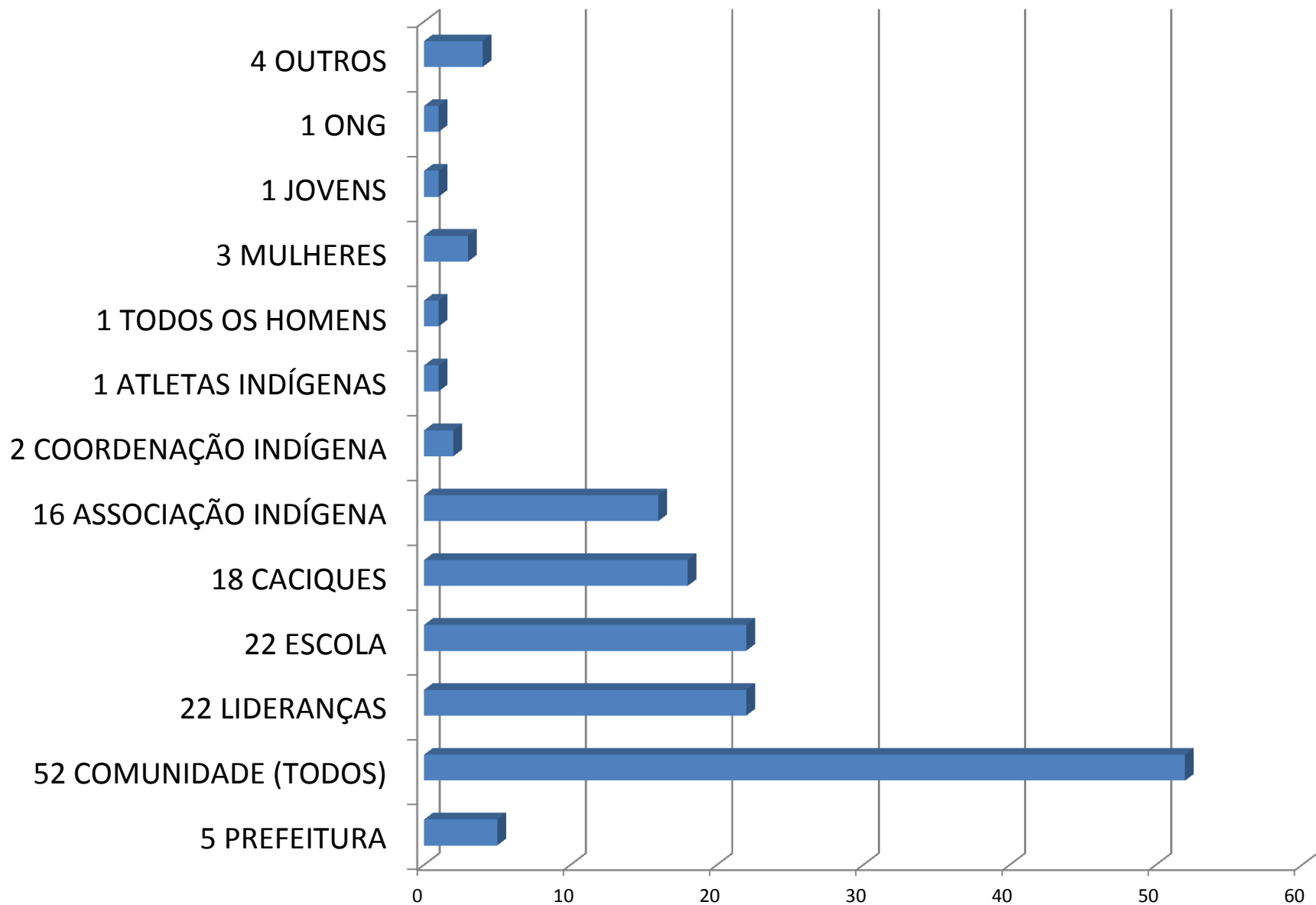
Nas comunidades, os tempos do lazer direcionados aos esportes, ocupam as crianças e os jovens de outras aprendizagens, mas isso não é padronizado em todas as crianças e em todas as aldeias, pois cada aldeia tem em si uma construção histórica que vai dar peso a esse tempo do não trabalho de forma diferenciada.

Na pesquisa sobre o futebol entre os Munduruku de Mato Grosso, a liderança que organiza o esporte na sua comunidade, fala da sua demanda para apoiar o esporte, pois precisa buscar aprovar projetos junto à Seduc – como fizeram por três anos as “Olimpíadas Interétnicas” (Kaiabi, Apiaká e Munduruku), e depois com a falta de apoio, busca aprovação do projeto junto à Petrobrás. Essa liderança vê o esporte como demanda de política pública, um direito que tenta garantir aos jovens.

Já com os jovens, a pesquisa evidencia que os jogos de futebol – de salão e de campo – são oportunidades de intercâmbio interétnico no próprio território e fora com os não indígenas, espaços interculturais que criam novas possibilidades de mediações com outras comunidades.

Para nós de fora, lendo esses dados, identificamos que o sentido do esporte é expresso na valorização dos encontros com o outro, das possibilidades que esses encontros festivos e competitivos proporcionam para a visibilidade das comunidades correlação de força nas negociações que permeiam os encontros: novos casamentos, novos espaços de trabalho, novos espaços de relações de trocas que asseguram acesso a outros bens culturais e materiais necessários à humanização de todos os grupos humanos.

Quem organiza o que é considerado práticas esportivas para os povos de 139 aldeias representadas no FOPPELIN:



Algumas aldeias não querem a escola no controle, outras a partir da escola, ocupam as crianças e os jovens com as aprendizagens que dão materialidade a suas formas de identificarem os clãs, os cantos, as rezas, as pinturas corporais, entre outras práticas sociais que, pelo controle do tempo de trabalho dos pais, ficariam mais limitados aos espaços de rituais.

Outras são as lideranças, e aí há várias possibilidades dessas atenderem as demandas da comunidade. Um exemplo das diferentes possibilidades são os caciques, que podem num contexto ser liderança na comunidade, e em outro ser liderança somente fora da comunidade, pois a liderança interna tem outras demandas mais relevantes para salvaguardar o grupo.

A contradição e a diversidade são ambas dimensões presentes quando nos referimos ao esporte e lazer indígenas, pois não temos padrão de demandas, de propostas, de políticas que possam dar conta de cada comunidade, de cada etnia, de cada território.









A young girl with dark hair, wearing a floral-patterned skirt and a blue bracelet, stands in a field of tall green grass. She is looking towards the camera with a neutral expression. To her left is a large, rectangular sign mounted on a wooden post. The sign has a white background with a diagonal stripe in orange and green. The text on the sign is in Portuguese, indicating a protected indigenous land. The background shows a clear blue sky and the dark, leafy branches of a tree.

GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
TERRA PROTEGIDA
ACESSO INTERDITADO A PESSOAS ESTRANHAS
ARTIGO Nº 231 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL
ARTIGO Nº 18, § 1º LEI Nº 6001/73
ARTIGO Nº 161 DO CÓDIGO PENAL